

A Escola em transformação:

Formação e prática docente



A Escola em transformação: Formação e prática docente

Editores	Ana Santiago Vera do Vale
Corpo Editorial	Ana Santiago Armando Gonçalves Cristina Leandro Márcia Marques Maria do Rosário Castiço Campos Sílvia Parreiral Vera do Vale
Lista de Revisores	Aida Figueiredo – Universidade de Aveiro Ana Coelho- Instituto Politécnico de Coimbra Ana Luísa Costa – Instituto Politécnico de Setúbal Ana Paula Ferreira – Instituto Politécnico de Coimbra Avelino Correia – Instituto Politécnico de Coimbra Cecília Costa – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Fátima Neves – Instituto Politécnico de Coimbra Fátima Paixão – Instituto Politécnico de Castelo Branco Fernando Martins – Instituto Politécnico de Coimbra Fernando Rebola – Instituto Politécnico de Portalegre Francisco Campos – Instituto Politécnico de Coimbra Joana Chélinho – Instituto Politécnico de Coimbra João Vaz – Instituto Politécnico de Coimbra José Marques Morgado – Instituto Politécnico de Coimbra Luis Mota – Instituto Politécnico de Coimbra Madalena Teixeira – Instituto Politécnico de Santarém Manuel Vara Pires – Instituto Politécnico de Bragança Margarida Adónis Torres – Instituto Politécnico de Coimbra Maria Helena Ramos - AE Paião – Instituto Politécnico de Coimbra Maria Isabel Ferraz Festas – Universidade de Coimbra Nuno Lopes Martins – Instituto Politécnico de Coimbra Pedro Balaus – Instituto Politécnico de Coimbra Ricardo Melo – Instituto Politécnico de Coimbra Sílvia Espada – Instituto Politécnico de Coimbra Sofia Gonçalves – Instituto Politécnico de Coimbra
Edição Gráfica	José Pacheco

Ficha Técnica

A Escola em transformação: Formação e prática docente

Produção: Instituto Politécnico de Coimbra.
Escola Superior de Educação

ISBN: 978-989-99491-3-3

Suporte: Eletrónico

Formato: PDF / PDF/A

Copyright Todos os direitos reservados ao Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação. É proibida a reprodução total ou parcial, de artigos, gráficos ou fotografias. Os textos são de exclusividade e responsabilidade dos seus autores e das suas autoras

Dezembro, 2022

Capítulo 10

Da epígrafe às redes sociais: pontes interdisciplinares entre o passado e o presente

Ana Paula Ramos Ferreira

Escola Superior de Educação – IPC / Centro de Estudos
em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – UC /
NIEFI – ESEC
anaf@esec.pt

Natália Albino Pires

Escola Superior de Educação – IPC / Cátedra UNESCO
em *Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional:*
Interligar Patrimónios e CIDEHUS – UÉvora / IELT – NOVA
FCSH / CIAC – UAlg / CREILHAC – U. Assane Seck
(Senegal) / CEHL
npires@esec.pt

Resumo

Os princípios que orientam e dão base ao *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* traduzem um modelo de escola que visa a promoção de competências essenciais à construção de uma cidadania global. Este documento, suportado pelo D-L 55/2018 e pelas *Aprendizagens Essenciais* (AE), preconiza uma aprendizagem integrada dos saberes (de forma inter/multidisciplinar), metodologias de trabalho cooperativo (que promovem o inter-relacionamento) e um ensino centrado nos alunos (em que o professor assume o papel de tutor/orientador). Por seu turno, o novo enquadramento legal desafia as escolas a “Dispor de maior flexibilidade na gestão curricular, com vista à dinamização de trabalho interdisciplinar, de modo a aprofundar, reforçar e enriquecer as Aprendizagens Essenciais”. Torna-se fundamental promover exemplos de interdisciplinaridade, mais ou menos extensíveis a várias áreas do saber, que fomentem o trabalho em equipa entre docentes das diferentes disciplinas. Assim, partindo da Epígrafe como exemplo de suporte físico da memória e da relação passível de ser estabelecida com a veiculação da informação na sociedade atual, apresentaremos uma proposta didática para o 5º ano no âmbito das disciplinas de Português e de História e Geografia de Portugal. Em particular, proporemos um guião de trabalho que permitirá trabalhar AE de ambas as disciplinas em simultâneo e de forma interdisciplinar e que visa constituir-se como um recurso pedagógico a ser utilizado pelo professor em sala de aula.

Palavras-chave: Epígrafe, Redes Sociais, Interdisciplinaridade, Português, História e Geografia de Portugal.

Abstract

The principles that guide and support the Students Profile translate a school model that aims to promote essential skills for the construction of global citizenship. This document, supported by D-L 55/2018 and Essential Learnings, advocates an integrated learning of knowledge (in an interdisciplinary way), cooperative work methodologies (which promote interrelationships) and student-centered teaching (in which the teacher assumes the role of tutor/advisor). In turn, the new legal framework challenges schools to “Have greater flexibility in curriculum management, with a view to stimulating interdisciplinary work, in order to deepen, reinforce and enrich Essential Learnings”. It is essential to promote examples of interdisciplinarity, more or less extended to various areas of knowledge, which encourage teamwork between teachers from different subjects. Thus, starting from the Epigraph as an example of the physical support of memory and the relationship that can be established with the dissemination of information in today's society, we will present a didactic proposal for 5th within the scope of the subjects of Portuguese and Portuguese History and Geography. In particular, we will propose a work guide

that will allow to work simultaneously Essential Learnings of both disciplines in an interdisciplinary way and that aims to constitute itself as a pedagogical resource to be used by the teacher in the classroom.

Keywords: Epigraph, Social Networks, Interdisciplinarity, Portuguese, Portuguese History and Geography.

1. Introdução

Na época atual em que se assiste e vivenciam problemas a uma escala global, como os radicalismos religiosos e políticos, a discriminação e intolerância em relação às minorias, as crises humanitárias associadas a catástrofes naturais ou em resultado da guerra e o progresso tecnológico acelerado, o desrespeito por valores fundamentais é uma realidade e os desafios colocados à escola são enormes: exige-se uma reconfiguração capaz de dar resposta a estes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas. Os princípios que orientam e dão base ao *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (ME/DGE 2017) traduzem precisamente um modelo de escola que visa a promoção de competências essenciais à construção de uma cidadania global, considerando que aquilo que hoje entendemos por cidadania é o produto inacabado do processo que tem as suas raízes na Antiguidade Clássica e o combate mais próximo no século XVIII. Neste sentido, têm os educadores um papel fundamental na ação junto das crianças. A responsabilidade dos professores, em particular do professor de História é, nesta matéria, relevante, pois ele é determinante na construção da consciência histórica dos futuros cidadãos: deverá levá-los a perceber que fizeram parte da história e a podem influenciar. Porém, a responsabilidade do professor de Português não é despicienda porque cabe a esta disciplina a interligação de conteúdos socioculturais plasmados na literatura e na língua.

O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, suportado pelo D-L 55/2018 e pelas *Aprendizagens Essenciais* (ME/DGE 2018), preconiza uma aprendizagem integrada dos saberes (de forma articulada e inter/multidisciplinar³), metodologias de trabalho cooperativo (que promovem o inter-relacionamento) e um ensino centrado nos alunos (em que o professor assume o papel de tutor/orientador). Promove-se, assim, uma escola que transmita o gosto e o prazer de aprender (Delors, 1996, p. 17-18) de forma a que aprendamos a viver juntos, respeitando a identidade cultural e consciência histórica, para uma participação ativa na construção da Democracia.

O novo enquadramento legal desafia também as escolas a “Dispor de maior flexibilidade na gestão curricular, com vista à dinamização de trabalho interdisciplinar, de modo a aprofundar, reforçar e enriquecer as Aprendizagens Essenciais”. Torna-se, então, fundamental promover

³ Não é escopo deste trabalho a revisão de conceitos. Usamos a terminologia de “articulação curricular” na formulação apresentada por Cosme (2018) e a terminologia de “interdisciplinaridade” na formulação mais recente de Pombo na entrevista concedida em 2021 (<https://www.youtube.com/watch?v=HJdyKZbsZes>), formulação esta que as ciências humanas têm tido alguma dificuldade em percecionar e implementar.

exemplos de interdisciplinaridade, mais ou menos extensíveis a várias áreas do saber, que fomentem o trabalho em equipa entre docentes das diferentes disciplinas.

Com este trabalho, procuraremos mostrar as potencialidades do património arqueológico romano, em particular da epigrafia, como instrumento didático no Ensino Básico, no âmbito do Português e da História e Geografia de Portugal. Uma vez que o passado não se conhece diretamente, mas por intermédio de sinais que se analisam com o recurso a metodologia concreta e discursos rigorosos e coerentes, o contacto com a epígrafe permite ao aluno, ele próprio, reconstruir esse processo, verificando que a História é “criação” e não “invenção” ou “ficção”, como muitas vezes se divulga entre os alunos, professores e profissionais de outras áreas científicas. A presença da fonte permite validar a informação histórica. Por outro lado, vivemos tempos de desenvolvimento vertiginoso da Ciência e da Técnica, assistindo-se ao nascimento de uma geração precocemente competente no que respeita à utilização das novas tecnologias da informação, realidade esta que tem efeitos no que respeita aos modos de apreensão, compreensão e representação da realidade. Partindo destas considerações, propomos um guião de trabalho que permitirá trabalhar Aprendizagens Essenciais das disciplinas de Português e de História e Geografia de Portugal em simultâneo e de forma interdisciplinar e que visa constituir-se como um recurso pedagógico a ser utilizado pelo professor em sala de aula com alunos de 5º ano de escolaridade. Importa ressaltar, no entanto, que a proposta didática que ora apresentamos é parte de uma sequência didática maior que em breve será dada à estampa.

2. Da epígrafe às redes sociais: veículos de informação e comunicação do passado ao presente

O ato de transmissão de informação parece ser uma característica inerente ao Ser Humano, enquanto ser gregário. Com efeito, um rápido olhar, ainda que sem um afincado investigativo, sobre a história da humanidade permite-nos perceber que, desde tempos imemoriais, se transmitiu informação: pensemos nas pinturas ou gravuras rupestres e na sua importância para os grupos civilizacionais que as iniciaram e usaram⁴; pensemos nos mitos de criação (e outras tipologias textuais) transmitidos oralmente ao longo de milénios⁵; pensemos nos diferentes sistemas de escrita criados pelo Homem para registar e comunicar informação;

⁴ Independentemente de considerarmos que as pinturas ou as gravuras rupestres marcam o início da escrita ou da arte, são indiscutivelmente um marco na história da evolução da humanidade e, do ponto de vista da comunicação, da relação entre o Eu e o Outro. Tanto as pinturas como as gravuras organizam informação do e para o grupo (Palacios Jiménez, 2020).

⁵ Recordamos o conjunto de tipologias textuais que narram a história de grupos civilizacionais (epopeias, baladas, mitos, contos e lendas) que sobreviveram graças ao processo de oratura. Este não é o escopo deste trabalho e há um número significativo de bibliografia sobre este tema ao dispor dos interessados.

pensemos nos sistemas numéricos desenvolvidos para organizar dados quantitativos. Construídos como lugar de veiculação de informação e de comunicação entre indivíduos do grupo, pinturas e gravuras rupestres, expressão plástica e arquitetura, textos orais ou escritos (em diferentes sistemas linguísticos e em diferentes suportes) muito cedo se transformam em espaços de produção de símbolos: uns cuja significação se mantém; outros cuja significação se perdeu. Recordemos os cromeleques, recordemos os ornamentos das pirâmides egípcias, maias ou tailandesas, recordemos a construção da Catedral de Santiago de Compostela na Idade Média, recordemos o “Guernica” de Picasso ou o Galo de Barcelos, recordemos as teogonias orientais, africanas e ameríndias ou a *Bíblia*. Recordemos, por fim, *Beowulf*, *Sundjata*, as *Ethimologiae* de Santo Isidoro de Sevilha, o *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro ou a cronística em geral⁶.

Tal como afirmamos noutra local (Ferreira & Pires, 2022), hoje, o mundo cibernético constitui-se, indubitavelmente, não só como o espaço de produção de símbolos, mas também como o espaço para a sua legitimação e divulgação. A massificação dos media sociais (como Facebook, Instagram, Whatsapp, Telegram, Youtube, TikTok, Pinterest, Linked In, Tumblr e outros) e a sua transformação em redes informacionais e agregadoras de uma nova sociabilidade têm vindo a modular, de forma inexorável, os conceitos de memória e de identidade (Rocha & Oliveira, 2021). Nestes novos suportes, constrói-se a cada *post* uma identidade individual num microcosmos interdependente de outros microcosmos interligados em rede. O crescente aumento da utilização das redes sociais entre os portugueses, cuja moda de uso se vai alterando a um ritmo célere, promove a exposição consciente do *self*, através de fotografias, a uma audiência diversificada e consumidora deste tipo de conteúdos. Este facto suscita que os utilizadores (produtores de conteúdos) recorram a estratégias que acautelem a criação de imagens ideais (e de informação) para a construção de uma identidade *online* (Bate, 2019). Ainda que de modo não consciente, cada *post* publicado representa um elo de uma cadeia simbólica, de significação efémera, cujo significado tende a não ser reconhecido a longo prazo, tal como outrora aconteceu com outras redes de símbolos. Bastar-nos-á pensar, por exemplo, na epígrafe que, em diferentes tempos, funciona como suporte físico de uma recordação que, inscrita na pedra, se impõe enquanto preservação de uma memória. São mensagens visuais, muitas vezes contidas no próprio ambiente urbano contemporâneo, carregadas de informação. A epígrafe garante, como as redes sociais, o contacto entre os indivíduos, a veiculação de informação e a construção de imagens sociais.

⁶ Os exemplos citados não pretendem ser exaustivos, no entanto, todos eles são de uma forma ou de outra constructos simbólicos ou funcionam como tal para os grupos civilizacionais que representam.

Senão vejamos a toponímia, as placas comemorativas, as placas inaugurativas, as placas indicativas de “Aqui viveu...”. A epígrafe funciona, portanto, como veículo de perpetuação tal como as redes sociais. Assim, partindo da Epígrafe como exemplo de suporte físico da memória e da relação passível de ser estabelecida com a veiculação da informação na sociedade atual, apresentaremos uma proposta didática no âmbito das disciplinas de Português e de História e Geografia de Portugal.

3. Pontes entre o passado e o presente: proposta didática interdisciplinar

Em Portugal, afirmou-se a produção de planos de ensino inteiramente acabados: “Recorrendo à engenharia pedagógica, fabrica-se toda a espécie de material pedagógico, o livro do professor, cadernos temáticos, fichas para professores e para alunos, etc., pertinentes às várias unidades de ensino e/ou didáticas que são supostas oferecer no prosseguimento das rubricas dos programas. Trata-se de sequências pedagógicas cuidadosamente ordenadas, que podem ser editadas, comercializadas porque standardizáveis” (Boal, Hespanha e Neves, 1996, p. 29). Assentou-se a educação na aprendizagem constituída, quando, na verdade, é cada vez mais premente a necessidade de uma educação ordenada para a aprendizagem constituinte que nos remete para o ensino do processo de aprender, para o desenvolvimento da capacidade de construir conhecimento (Patrício, 1989, p. 235).

A discussão sobre modelos de ensino-aprendizagem não é nova, sendo retomada em todas as épocas sob diferentes prismas e com diferentes objetivos⁷. Do conceito platónico de *paidea* ao conceito ciceriano de *humanitas*, dos conceitos de *educere* e *educare* transferidos para o termo *educar* ao conceito de *ludens*, continuamos no século XXI a debater um modelo de ensino-aprendizagem que se adapte às nossas sociedades. Em Portugal, parece haver uma mudança de paradigma por parte das entidades decisoras e os normativos em vigor não só fomentam a criação de espaços de aprendizagem centrada no aluno como de momentos de aprendizagem baseada em resolução de problemas. A autonomia e flexibilidade conferidas à Escola convidam ao “abandono de um modelo disciplinar, uniformizador, de aprendizagem compartimentada e assente na transferência do conhecimento, em suma, um currículo de formato prescritivo” e à adoção de “um modelo multidisciplinar de aprendizagem transformadora, alicerçado na diferenciação, na construção do conhecimento, na

⁷ No espaço de que dispomos, seria extemporâneo rever a evolução dos conceitos relacionados com os modelos de ensino-aprendizagem desde a antiguidade grega aos nossos dias e a sua utilização para justificar políticas ou propagandas políticas. Recordemos, por exemplo, como na Idade Médias os textos de Cristinne de Pisan são traduzidos e reelaborados enquanto *exempla* de modelos educativos, como no Renascimento Erasmo e Lutero recuperam o conceito de *Humanitas* latino e o reescrevem, como a teorização de Locke, Rousseau ou Voltaire inauguraram uma era de escolarização/alfabetização centrada na memorização de conhecimento enciclopédico.

colaboração, na autonomia, na interdependência e na qualidade” (Alves, Madanelo & Martins, 2019, p. 349). Portanto, o novo modelo de autonomia e flexibilidade curricular permite, como lembra Ferreira (2019, p. 1), que sejam “constituídas equipas educativas, formadas por docentes do mesmo grupo de docência ou de diferentes grupos, dependendo da natureza das questões em causa. Como tal, cada escola, de acordo com o seu projeto educativo e tendo em consideração as características das turmas e dos alunos, estabelece prioridades na gestão do currículo.”

É na consecução destes objetivos e com vista a exemplificar uma prática pedagógica mais significativa para os alunos que apresentamos uma proposta didática interdisciplinar (e.g. um recurso no âmbito de um trabalho que implica articulação curricular), nascida do questionamento que norteou a preparação de uma ação de formação acreditada com 50 horas dirigida a professores dos grupos 200, 210, 300 e 400. Tal como acima referimos, esta proposta didática é parte integrante de uma sequência didática maior e destacamos o facto de já ter sido aplicada em regime de co-docência (entre as autoras do presente artigo) com dois grupos de professores/formandos que frequentaram a Oficina de Formação intitulada “Da epígrafe às redes sociais: um percurso didático interdisciplinar entre a História e o Português”. Parte da sequência maior de onde se extrai o exemplo ora editado foi, ainda, aplicada na lecionação da unidade curricular de Didática da História e Geografia de Portugal a duas turmas de 3º ano do Curso de Educação Básica da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, também em regime de co-docência.

Considerando que tanto a epígrafe como as redes sociais se podem entender e estudar enquanto veículos de produção de sistemas simbólicos identitários, importa saber como se podem interligar em sala de aula e servir de base para o estudo simultâneo de conteúdos no âmbito do Português e da História e Geografia de Portugal.

As possibilidades didáticas do património arqueológico são imensas, pela atratividade que o sentido da descoberta exerce sobre as crianças. Dentro deste património, o epigráfico tem potencialidades maiores, porque testemunho da importância da escrita, como registo de memória, para as gentes de outros tempos. No entanto, não tem tido por parte dos docentes do Ensino Básico e Secundário grande receptividade, o que se explica facilmente pelo facto de a epígrafe, e em particular a latina, exigir conhecimentos específicos que poucos dominam. Embora a proposta que trazemos à luz possa realizar-se de forma independente na aula de Português e na aula de História e Geografia de Portugal, dentro da sequência maior de onde a extraímos, tem como antecedente um exercício que procura destacar elementos essenciais da identidade individual de cada aluno como indutor para o estudo da romanização. Assim, no exercício prévio solicita-se que cada aluno redija um texto de apresentação individual (que

pode vir a ser utilizado por si no futuro) e que tem de ser adaptado a diferentes situações comunicacionais: uma biografia sintetizada, uma biografia por tópicos, uma biografia em telegrama e uma biografia a enviar por mensagem sms. A comparação das especificidades linguísticas de cada uma das tipologias de texto redigidas e o reconhecimento de que é necessário adaptar o texto ao suporte utilizado e aos objetivos comunicacionais são os elementos introdutórios do estudo de uma epígrafe⁸.

4. Considerações intermédias

As considerações acima expostas enquadram o modelo teórico que subjaz à proposta didática que apresentamos como anexo e dão continuidade ao debate que se tem vindo a fazer em torno da educação em tempos de imprevisibilidade de mudanças aceleradas. Não se esgota, por isso, a necessidade de perspetivar novas propostas didáticas que contemplem trilhar caminhos inovadores.

Temos, assim, como intenção num futuro próximo dar à estampa toda a sequência didática usada na formação referida. Por este motivo, tomamos este breve artigo como um trabalho intermédio e consideramo-lo uma introdução ao tema que desenvolveremos.

Referências bibliográficas

- Alves, S.; Madanelo, O. & Martins, M. (2019). Autonomia e Flexibilidade curricular: caminhos e desafios na ação educativa. *Gestão e Desenvolvimento*, 37, 337-362. DOI: <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2019.387>
- Bate, Patrícia Alexandra Janeiro (2019). *Construção identitária no Instagram: o papel da autocensura*. [Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação]. ISCTE.
- Boal, Maria Eduarda; Hespanha, Maria Cândida & Neves, Manuela Borralho (1996). *Para Uma Pedagogia Diferenciada*. Ministério da Educação: Programa Educação Para Todos (Cadernos PEPT 2000).
- Cosme, A. (2018). *Autonomia e flexibilidade curricular. Propostas e estratégias de ação. Ensino Básico. Ensino Secundário*. Porto Editora.
- Decreto-Lei 55/2018 de 6 de julho. Diário da República, 1º Série - n.º 129/2018.

⁸ Na sequência didática maior, após a comparação dos textos redigidos, são oferecidas imagens de 3 epígrafes aos alunos, acompanhadas da transcrição e da respetiva tradução para português, e os alunos são convidados a estabelecer os paralelos com a atividade de escrita desenvolvida e a inferir as informações que servem de indutor ao desenvolvimento do conteúdo Romanização.

- Delors, Jacques (1996). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Edições Asa (edição original, *Learning: the treasure within. Report to UNESCO of the international Commission on Education for the twenty-first century*, UNESCO, 1996).
- Ferreira, A. P. & Pires, N. A. (2022). Da epígrafe às redes sociais: uma abordagem interdisciplinar dos constructos identitários. *Actas do INCTE'22*, no prelo.
- Ferreira, N. (2019). Autonomia e Flexibilidade Curricular no desenvolvimento das aprendizagens em matemática: Perspetivas e desafios. *Educação e Matemática*, 151, 1-1.
- Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE) (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.
- Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE) (2018). *Aprendizagens Essenciais – Ensino Básico*.
- Palacios Jiménez, D. (2020). El arte rupestre y la perspectiva comunicacional. *Comunifé*, 20, 49-56. Doi: <https://doi.org/10.33539/comunife.2020.n20.2495>
- Patricio, Manuel Ferreira (1989). Traços principais do perfil do professor do ano 2000. *Inovação*, 2: 3, 229-245.
- Rocha, E. da S. & Oliveira, M. A. S. A. de (2021). Memória e algoritmo: notas sobre a manutenção da identidade e consciência coletiva no ciberespaço. *Diálogo*, 48, 01-07, <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i48.8674>

ANEXO - Guião de trabalho

Áreas de competência do *Perfil dos Alunos* trabalhadas:

- Linguagens e textos
- Informação e comunicação
- Raciocínio e resolução de problemas
- Pensamento crítico e pensamento criativo
- Sensibilidade estética e artística

Aprendizagens Essenciais trabalhadas:

História e Geografia de Portugal (5º ano)	Português (5º ano)
Os romanos na Península Ibérica - Identificar ações de resistência à presença dos romanos; - Identificar aspetos da herança romana na Península Ibérica; Aplicar o método de datação a. C e d. C.; - Identificar/aplicar os conceitos: cristianismo, era cristã, romanização.	Oralidade - Planificar e produzir textos orais com diferentes finalidades. Leitura - Ler textos com características narrativas e expositivas, associados a finalidades lúdicas, estéticas e informativas. Escrita - Planificar a escrita por meio do registo de ideias e da sua hierarquização. - Escrever textos organizados em parágrafos, de acordo com o género textual que convém à finalidade comunicativa. - Escrever com respeito pelas regras de ortografia e de pontuação. Gramática - Identificar a classe das palavras: verbo principal (transitivo e intransitivo) e verbo auxiliar, advérbio, conjunção. - Mobilizar formas de tratamento mais usuais no relacionamento interpessoal, em diversos contextos de formalidade.

Operacionalização:

Tarefas/sequência	Sugestões/pistas de exploração
1. Organização da turma em 5 grupos de trabalho 2. Distribuição de um tema: - Grupo 1: Invasões bárbaras - Grupo 2: Práticas culturais - Grupo 3: Construção do espaço imperial: o papel das vias - Grupo 4: Práticas religiosas - Grupo 5: Economia romana 3. Atribuição de 2 suportes por cada grupo de trabalho - Grupo 1: papel e som	- Cada grupo tem de pesquisar a informação relevante e fundamental acerca do tema atribuído; - Cada grupo tem de pesquisar as especificidades dos suportes atribuídos que permitam adequar a veiculação da mensagem/dos temas atribuídos a esses suportes;

Grupo 2: papiro e digital Grupo 3: mural e vídeo Grupo 4: ardósia e som Grupo 5: tábuas de cera e vídeo	
4. Construção de uma mensagem adequada ao objetivo do emissor e ao suporte	Cada grupo de trabalho prepara uma apresentação para os colegas da turma: - transmitindo a informação relevante e fundamental acerca do tema atribuído; - utilizando os dois suportes atribuídos para a transmissão da informação relevante e fundamental acerca do tema; - respeitando as características específicas de cada suporte.
5. Discussão dos trabalhos de grupo	Discussão orientada no sentido de os alunos inferirem que as mensagens se adequam ao fim a que se destinam e ao suporte/espço disponível. Pistas para discussão: - Que suportes se utilizaram? - Quais as especificidades dos suportes utilizados? - Como se adequou o objetivo da mensagem ao(s) suporte(s)? - Como se fez a adequação textual ao objetivo da mensagem, do emissor e do suporte? - A seleção da informação foi a mais relevante?
	Elenco das especificidades linguísticas de cada texto Identificação das diferenças e das semelhanças Explicitação do motivo das diferenças entre cada texto (o suporte e o objetivo comunicacional)
6. Comparação dos textos produzidos em cada suporte:	
7. Questionamento acerca da atualidade deste procedimento comunicativo	Identificação do tipo de inscrição: epígrafe funerária; Análise onomástica: a identificação feminina à maneira romana não incluía <i>praenomen</i>, mas apenas <i>nomen</i> e <i>cognomen</i> (sua indicação e origem); A mobilidade social no mundo romano: o texto confirma os mecanismos de ascensão social através da manumissão (três mulheres escravas que se tornam livres); O papel social desempenhado pela mulher: Marcia Paulina, a patrona com provável relevo social na região (as libertas terão adquirido o <i>nomen</i> da sua patrona); Incursão na vida privada: refletir no motivo para um epitáfio comum - o que as uniria para além da antiga vida de escravidão? Seriam irmãs, teriam morrido em circunstâncias semelhantes? e que relação teriam com "Tangina", a provável dedicante, já que em relação a esta não se indica a idade?
8. Visionamento da imagem de uma epígrafe: um bloco de granito achado em Idanha-a-Velha (Ferreira, 2004, nº 84)	A crença dos Romanos na vida após a morte (daí também o voto, no presente e em sigla, de que a "terra vos seja leve", relembrando a sua presença num diálogo constante com os transeuntes).

MARCIA PAVLLINAE LIB(erta) / CELERINA AN(norum) XVI (sedecim) / MARCIA PAVLLINAE LIB(erta) / VERECVND A AN(norum) XXXII (triginta duorum) / ⁵ TANGINA PAVLLI LIB(erta) / H(ic) S(iti) S(un)t S(it) V(obis) T(erra) L(evis) “Aqui jazem Márcia Celerina, liberta de Paulina, de 16 anos; Márcia Verecunda, liberta de Paulina, de 32 anos. Tangina, liberta de Paulo. Que a terra vos seja leve. 9. Elenco dos paralelos encontrados entre o texto da epígrafe e os textos produzidos para veicular informação em cada um dos suportes 10. Construção de uma tabela ou dicionário temático que permita uma ponte entre o passado e o presente.	Adequação do texto ao suporte: - seleção da informação - seleção de tipologia de frases adequadas ao suporte e ao objetivo comunicacional - seleção de vocabulário adequado ao suporte e ao objetivo comunicacional - uso de abreviaturas - Identificação das classes de palavras frequentes (nomes, verbos e adjetivos); - Antropónimos de origem latina (Adriano/Adriana, Augusto/Augusta, César/Cesarina, Márcio/Márcia, entre outros); - Topónimos e gentílicos de origem latina (Castelo Branco-albicastrense, Braga-bracarense, Beja-pacense, Chaves-flaviense, entre outros); - Patronímicos (Antunes, Domingues, Fernandes, Henriques, entre outros); - Siglas e acrónimos usados atualmente (ESEC, VSFV, UGT, CGTP, GNR, entre outras); - Abreviaturas de uso comum (Port., Hist., Eng., Dr., Esq., entre outras).
--	--